



— Disputas entre Israel e Palestina tocam em questões históricas, morais, étnicas, religiosas e geopolíticas

# A longa história de um conflito

EURÍPEDES ALCÂNTARA

**O**s ataques terroristas sofridos por Israel em 7 de outubro e a invasão por terra da Faixa de Gaza reabriram feridas nunca cicatrizadas totalmente.

Setenta e cinco anos depois de sua criação, Israel está de volta ao núcleo central dos questionamentos internos e externos que marcam sua existência. 126 anos depois de ser proposto, o sionismo voltou a se confrontar com suas contradições históricas, tendo como palco, dessa vez, a opinião pública mundial.

Vamos revisitar aqui as questões históricas, morais, étnicas, religiosas, geopolíticas e militares do sucesso que teve, no final do século 19, um grupo obstinado de judeus europeus em conseguir viabilizar a criação de uma nação destinada a sofrer as dores de conectar o Oriente ao Ocidente e as tensões de ligar o passado ao futuro.



## O dilema israelense

Israel é uma nação destinada a sofrer as dores de conectar o Oriente ao Ocidente e as tensões de ligar o passado ao futuro

ADOBE STOCK

### PARTE 1

#### TRÊS JUDEUS MUITO PODEROSOS

THE WORLD'S WORK/UNIVERSITY OF TORONTO



**Balfour, ministro das Relações Exteriores do Reino Unido**

No alvorecer do século 20, existiam cerca de 11 milhões de judeus no mundo. Desses, cerca de 7 milhões estavam em países da Europa Oriental, 2 mi-

lhões na Europa Central e Ocidental, 1,5 milhão haviam cruzado o Atlântico rumo aos Estados Unidos. Em toda a Ásia, Norte da África e no Oriente Médio os judeus eram pouco mais de 1 milhão de pessoas. Só nos Estados Unidos e na Europa Ocidental os judeus podiam obter direitos de cidadania como qualquer outro morador.

Na Rússia, eram perseguidos, espancados, mortos e expulsos de suas casas nos notórios “pogroms”, mantidos por Moscou como política de Estado. Na Polônia e em outros países eram discriminados. Nos países islâmicos, tolerados como cidadãos de segunda classe, pagavam impostos mais altos e sofriam penas mais duras quando acusados de crimes.

Em todos os países, mesmo naqueles onde os judeus eram legalmente emancipados, o an-

tissemitismo latente predominava, mudando apenas a intensidade dos periódicos surtos de violência. No entanto, desde que um judeu aceitasse ser assimilado pela sociedade onde vivia, abandonando a prática de sua religião (pelo menos em público) e muitos de seus hábitos culturais, ele poderia galgar postos relevantes na economia e na política – especialmente, na Inglaterra.

Foi o caso de personagens ocultos do sionismo, judeus assimilados que se tornaram três dos mais poderosos homens de seu tempo no Império Britânico: Benjamin Disraeli, o primeiro-ministro predileto da rainha Vitória e dois lordes da família de banqueiros Rothschild.

Ao primeiro deles, em 1875, Lionel Nathan de Rothschild, Disraeli mandou um bilhete através de seu secretário parti-

cular informando-o de que o tesouro de sua majestade requirava a soma de 4 milhões de libras (naquela época equivalente a mais de 5% de todo o orçamento anual do governo britânico) com o objetivo de adquirir o Canal de Suez. O crédito foi aprovado no mesmo dia.

Disraeli foi o único primeiro-ministro a quem a rainha Vitória permitia que se sentasse diante dela durante os despachos semanais. A um desafeto na Câmara dos Lordes que o “acusou” de ser judeu, Disraeli disse a frase que ficou famosa: “Sim, sou judeu, e quando os ancestrais do nobre cavalheiro eram selvagens brutais em uma ilha desconhecida, os meus eram sacerdotes no templo de Salomão”.

Disraeli foi o que se chamou de protossionista, judeu que já sonhava com uma pátria na Palestina antes do Movimento Sionista se organizar.

O outro membro da família de banqueiros essencial para a existência de Israel na Palestina foi Lionel Walter Rothschild, Segundo Barão Rothschild. Ele foi a força econô-